

As meretrizes em cena: a representação da prostituição na primeira versão da telenovela Gabriela (1975)

Débora Souza Cruz (UFS)

Este trabalho possui como principal objetivo analisar como a prostituição é representada na primeira versão da telenovela Gabriela, exibida pela Rede Globo no ano de 1975. Teremos mais especificamente como foco a personagem Risoleta, mais conhecida como Zanolha por ser “um pouco vesga”. Zanolha é prostituta de origem sergipana e uma das mais desejadas do famoso cabaré de Ilhéus, o Bataclan. Zanolha é um grande exemplo de como as mulheres se colocaram no centro das narrativas não só como grandes mitos sexuais, mas também como agentes do seu próprio desejo. Analisaremos também a linguagem interna e alguns dos mecanismos utilizados pela telenovela enquanto uma fonte audiovisual e que representa uma dada realidade.

Entendemos que como qualquer outro tipo de documento histórico, as fontes audiovisuais são portadoras de tensões e representações. Porém, lidar com estas fontes e, mais especificamente aceitá-las como tal, não foi tão fácil. Por muito tempo a ideia que reinou no início dos anos de 1930, a de que acreditava que o cinema não passava de uma máquina de embrutecimento e passatempo de iletrados, permaneceu aces dentro e fora dos muros acadêmicos.

Faltava então um debate metodológico que começasse a validar esta nova fonte. Esta discussão teve início no ano de 1960 e possui como marco a obra do historiador Marc Ferro nos anos 1970. Outro pesquisador que esteve presente nesta empreitada de lidar com o audiovisual e, principalmente com a escolha de uma metodologia para este novo objeto foi Jean-Noël Jeanneney.

Para Jeanneney nada adianta aceitarmos “o novo”, neste caso aceitarmos a fonte audiovisual, se os métodos antigos permanecerem. Tais métodos antigos citados por ele foram aqueles empregados por muitos historiadores nos anos 1950 e 1960 com a fonte escrita, ou seja, fazer de uma análise apenas uma transcrição ou descrição dos fatos.

Mais do que uma simples descrição o audiovisual deve ser pensado e problematizado. Deve ser considerado uma nova forma de ver e se pensar a História. Desta forma, o simples fato de uma telenovela ser considerada um espetáculo de entretenimento não deve invalidá-la como um discurso histórico. Observar as paisagens, meios de transportes, linguagens dos personagens, vestuários e hábitos por exemplo, faz parte de uma metodologia que busca informações históricas em documentos visuais e sonoros.

É verdade que ainda existem alguns entraves para aqueles pesquisadores que pretendem trabalhar com a imagem em movimento. As dificuldades ao acesso às fontes são um destes principais empecilhos. Primeiramente temos a falta de preocupação em registrar tais programas. Em segundo lugar e, em consequência do primeiro ponto, temos a perda de muitos registros de índices de audiências, por exemplo. Infelizmente notamos a falta de uma política de preservação de tais fontes e acesso ao público, principalmente se voltamos este problema para o Brasil. Na grande maioria das vezes os arquivos se encontram nas mãos de empresas privadas que comercializam tais produtos. Entretanto, nem sempre estes são disponibilizados à venda.

Mas por que se torna necessário que os poderes públicos se interessem na criação de institutos que busquem a preservação das fontes audiovisuais? Por um simples motivo: conservar as diversas fontes audiovisuais, filmes, cinema e diversos programas de televisão, por exemplo, é conservar a sua memória coletiva. Ou seja, é um dos caminhos que levam a compreensão da história de um país.

A relevância em estudar uma telenovela reside no fato de pensá-la e interpretá-la como uma expressão ideológica de uma sociedade, segundo a escolha das próprias narrativas dos seus autores. Além disso, o audiovisual muitas vezes é uma resposta dada às demandas sociais e culturais estabelecidas. Assim como também pode produzir e influenciar novos comportamentos sociais.

Frederico Oliveira Coelho, nos apresenta uma definição para pensarmos um pouco sobre a ideia de “comportamento”. Segundo Coelho,

(...) são as idas e vindas do processo civilizador e dos diversos conflitos de interesses desencadeados por estes dois elementos no mundo contemporâneo que podemos perceber a constante formação de novos – ou a reedição e a manutenção de antigos- padrões de comportamento (COELHO, 2004: 323).

As telenovelas são um dos exemplos mais claros para pensarmos o quanto estes “entretenimentos” afetam profundamente o cotidiano de uma população inteira. Tais mudanças ou permanências de comportamentos são afetados não só na esfera pública, como também percorre no plano do privado. Só pensarmos que o simples ato de assistir uma novela faz com que a rotina do privado seja modificada e adequada ao horário do programa assistido.

Coelho considera que em praticamente todos os eventos históricos que estão relacionados ao comportamento humano neste último século (aqui fazendo referência ao XX), nenhum teve maior força como foi a importância da sociedade dada ao consumo e a informação, ou seja, a globalização. Invenções como o rádio, o cinema falado, a televisão e o computador disseminaram novas práticas e hábitos cotidianos na população. Por isto, analisaremos como as imagens sobre a prostituição foram tecidas e representadas no decorrer do tempo.

Devemos levar em consideração que o conceito de prostituição foi pensado e elaborado através de uma referência médico-policial ainda no século XIX. Tal definição foi fortemente influenciada por uma sociedade que destacava valores como família, moralidade e união monogâmica. Sendo assim, tanto a palavra “prostituição” quanto a definição de “prostituta” passaram a corresponder a uma dimensão totalmente rejeitável na sociedade.

Este pensamento está presente de forma clara na novela Gabriela em muitas das suas cenas. O muçulmano, comerciante, boêmio e dono do bar Vesúvio de nome Nacib Saad, mais conhecido como “turco” ou apenas Nacib, “caiu nas graças” da prostituta sergipana Zanolha, o que lhe custou muitas zombarias por parte de seus colegas. Porém, apesar da sua paixão e carinho por Zanolha, o mesmo evita ao máximo a simples pronúncia da palavra “prostituta”,

substituindo-a por “menina do Bataclan”. Não só Nacib evitava falar a palavra prostituta, como também a grande maioria dos ilheenses.

Aqui notamos que o simples fato de alguém pronunciar o nome prostituição já era considerado uma afronta a sociedade ou um ato de imoralidade. Não era apenas o ato de prostituir-se considerado proibido, a sua pronúncia também. Da mesma forma é interessante percebermos a relação de companheirismo, cumplicidade e paixão estabelecida entre Nacib e “Zarolhinha”, chamada assim pelo “turco”.

Apesar de muitos considerarem a prostituta uma mulher que apenas servia para a satisfação sexual, esta relação entre o comerciante e a prostituta mostra o contrário. Primeiramente coloca a prostituta como uma mulher capaz de despertar não só prazer mas também paixões em seus clientes. Depois, enquanto mulher e ser humano, apesar de muitos desprezarem isto, mostra que ela também possui sentimentos e assim como qualquer pessoa pode se apaixonar.

Mesmo sendo considerada a prostituta uma pecadora e imoral, a prostituição sempre esteve presente na cidade de Ilhéus. Nas palavras de Jorge Amado, a fundação e desenvolvimento da cidade foram feitos com “tiros e tocais, (...) com mortes e crimes, com jagunços e aventureiros, com prostitutas e jogadores, com sangue e coragem” (AMADO, 2012:39). Na novela notamos que no interior da Bahia, além do famoso Bataclan, também existiam outros prostíbulos, como o Ideal. Esta presença frequente da prostituição na cidade fica muito explícita na novela. É só observarmos que a primeira cena não aparece a principal personagem, Gabriela. A primeira imagem da novela é nada mais nada menos do que o prostíbulo Bataclan juntamente com suas meretrizes.

As “mulheres horizontais” são apresentadas com roupas de tonalidades escuras, mais especificamente vestidos, maquiagens exageradas, enfeitadas com jóias e flores que coloriam seus cabelos bem penteados. Geralmente estavam fumando, bebendo e dançando ao som da orquestra. Mulheres estas

chamadas de “papa-fina” pelo Dr. Ezequiel Prado, advogado e boêmio. Ou seja, notamos que as mulheres se vestiam a altura dos seus clientes, já que estes faziam parte da elite cacauera de Ilhéus.

Outra característica apontada da prostituta era o seu perfume de “cheiro forte”. Em sua obra *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, Mary Del Priore em uma das suas análises, com base em suas fontes, relata que “a mulher sensível e direita deveria usar os perfumes à base de lavanda, deixando o odor forte para as prostitutas” (PRIORE,2011:21).Odor forte este que também era chamado de “perfume barato”, mas marcante.

Jogos de baralho, bebidas e danças caracterizam o prostíbulo. Um ambiente alegre, aparentemente sofisticado, frequentado por coronéis, filhos de coronéis e outros homens pertencentes a “classe alta” de Ilhéus. Possui um “cardápio variado”, com prostitutas para todos os gostos e de outros estados.Observamos que o Bataclan se apresenta como um ambiente sofisticado, pois está inserido neste processo de modernização da cidade. O tão sonhado progresso de Ilhéus.

Outra caracterização do prostíbulo é colocada pela prostituta Zarolha. Para ela, diferente do que muitos imaginam, o cabaré também é regido por algumas regras, como por exemplo a obediência e submissão que se devia ter por Maria Machado, proprietária do Bataclan. Em uma das suas falas a sergipana afirma que no topo do cabaré estava Maria Machado, logo abaixo as prostitutas e na base a “preta velha”. Esta era responsável pela limpeza do local e também por fazer as refeições e petiscos servidos na noite.

Ideia semelhante a esta em relação a hierarquia no bordel está presente no trabalho intitulado *Grandezas e misérias da prostituição feminina no povoado Cruz da Donzela (1969-2001)*. A autora Ana Luiza Santos também descobriu a ideia generalizante de bagunça e baderna nos prostíbulos. Demonstra através de suas entrevistas feitas com algumas prostitutas, que a hierarquia funciona da seguinte maneira: muitas vezes iniciam como garçonetes ou faxineiras (no caso da novela este era o papel da chamada “preta velha”), depois assumem o

cargo de prostituta e, por último pode chegar ao topo da pirâmide, ou seja, se transformar em dona do local.

Se progresso era sinônimo de ordem, o Bataclan definitivamente fazia parte dele. Não só fazia parte do progresso como também era um local onde este e outros assuntos eram frequentemente discutidos. Aqui demonstramos que o prostíbulo não era um ambiente em que a busca pelo sexo era sua única finalidade. Podia ser a principal finalidade, mas não a única.

O progresso estava presente em Ilhéus quando notamos as modificações da sua paisagem, ou seja, as alterações da fisionomia da cidade: palacetes, automóveis, trens, elevador, publicação de jornais, inauguração de clubes. Entretanto, de maneira bem mais lenta os costumes e hábitos dos homens eram alterados. Coronéis ainda andavam portando armas e exalavam valentia. É só lembrarmos de um dos acontecimentos que parou a cidade: o duplo assassinato provocado pelo coronel Jesuíno Guedes Mendonça.

Após descobrir que a sua mulher, Dona Sinhazinha Guedes, estava lhe traindo com o mais novo dentista de Ilhéus, chamado por Dr. Osmundo, coronel Jesuíno encontra ambos na cama e não pensa duas vezes em disparar dois tiros em cada um deles. O ato é aceitável pela maioria da população, pois acreditavam que a honra de marido chifrado só podia ser lavada com a morte dos culpados. Para os ilheenses, o ato de Jesuíno estava totalmente amparado em uma lei. Lei esta que não estava escrita em código algum, mas regulava aquela população por justamente estar na consciência dos homens.

A traição por parte de Dona Sinhazinha causou tanto espanto porque esta era uma mulher considerada um expoente da sociedade local. Estava sempre envolvida com as festividades religiosas e era vista como uma mulher ideal para os padrões da época. Submissa ao marido e uma exemplar dona de casa. Porém, além do ato de trair, outro aspecto chamou a atenção dos moradores: o fato de ela estar usando meias pretas. Como já vimos, alguns acessórios eram utilizados pelas meretrizes. Entre eles estava as tão sedutoras meias pretas.

Era importante que a “mulher ou moça de família” soubesse se comportar como tal. Para isso era de fundamental importância que estas não usassem acessórios e vestimentas que fizessem parte do mundo das prostitutas. Um comportamento adequado também era essencial. As moças consideradas “direitas” não podiam estar passeando pelas ruas depois das vinte e duas horas. Caso tivesse que sair de casa após tal horário, deveriam estarem acompanhada dos seus maridos. Antes das 22 horas, moças e rapazes passeavam nas praças, os maridos levavam suas esposas e filhos ao cinema ou até a sorveteria. Entretanto, depois deste horário, as “mães e moças de família” se trancavam em suas residências.

Mas será que fica muito evidente a diferença entre uma dama da noite e uma dama da sociedade de Ilhéus? Parece que não. Em uma das cenas Zarolha vai até a Igreja matriz. Ao chegar lá se depara com Dr. Maurício Caires, um moralista e religioso fervoroso que “lutava pelo fim da indecência”. Este em nenhum momento desconfia que esteja conversando com uma prostituta. Zarolha só é reconhecida nas ruas pelos frequentadores do Bataclan.

Uma prostituta sair na rua em plena luz do dia não era algo comum, pelo contrário, representava uma afronta moral. Porém, foi justamente no primeiro capítulo da novela que Zarolha sai na rua e vai até o bar Vesúvio em busca de Nacib. O comerciante e os frequentadores do bar que estavam presentes se espantam com tal atitude da meretriz. Nacib fica envergonhado, finge que não a conhece e resmunga com os frequentadores dizendo: “A minha história com ela é so de noite, de dia não tenho conhecimento”. Para ele e os demais, lugar de prostituta era apenas no cabaré.

Mas se o espanto era apenas a sua simples visita a Nacib, algo mais espantoso estava por vir. Zarolha vai até o bar para contar algo importante ao “seu turquinho”. Nacib marca um encontro na beira da praia, de preferência em um local afastado e com pouco movimento. Tudo isso porque não queria ser visto com uma dama da noite.

Ao chegar no local acertado Zanolha lhe conta que teve um lindo sonho. Neste, a santa Maria Madalena aparecia para ela e pedia que um manto novo fosse feito. Como não queria contrariar a santa da qual era devota, resolveu que iria não só fazer um novo manto como também desejava participar, juntamente com todas as meninas do Bataclan, da procissão que estava por vir.

Procissão esta que iria contar com a presença dos três principais santos, São Jorge, Maria Madalena e São Sebastião. Há algum tempo a chuva não aparecia naquela região, fazendo com que as plantações de cacau fossem seriamente prejudicadas. Sendo assim, a procissão tinha por finalidade pedir pelo retorno da chuva e pela boa safra do cacau.

A atitude de Zanolha em não só andar em plena luz do dia pela cidade como também querer participar da cerimônia religiosa demonstra sua coragem e ousadia perante a sociedade. Mulher de muitas ideias e de uma personalidade forte. Era assim que ela era vista por Nacib. Devemos considerar que a sua personagem é apresentada nas primeiras cenas. Segundo Marcos Napolitano são as primeiras cenas e a primeira semana de uma novela que são fundamentais para a análise da mesma. São estas primeiras nuances que definem o papel de cada personagem e suas tensões. Logo entendemos a sua relevância em toda a trama.

A partir de então a notícia de que as prostitutas queriam participar da procissão se espalhou pela cidade rendendo inúmeros comentários. Além disso, Zanolha era indicada como líder da “ideia imoral”. Coronéis e demais frequentadores do Bataclan defendiam a proibição desta participação, mesmo sendo estes frequentadores assíduos. Preocupadas com a moral e com a preservação das suas famílias, as esposas dos fazendeiros se reuniram e buscavam algum meio capaz de impedir que tal ato não fosse realizado. A grande maioria estava empenhada em encontrar alguma forma que proibisse definitivamente a participação das meretrizes na procissão.

Mais uma vez aqui encontramos uma quebra de paradigma, aquele de que as prostitutas não têm religião. Zanolha prova o contrário mostrando que não só

era católica como também era devota de uma santa, a santa Madalena (não só ela, mas as demais “meninas do Bataclan”). Esta apenas não podia ser uma católica praticante porque não era possível a sua entrada na Igreja. Na teoria o sagrado não se misturava com o profano. Apenas na teoria.

Em uma das reuniões com as damas da alta sociedade e mulheres dos coronéis, eis que surge uma opinião totalmente diferente das demais. Malvina, filha do coronel Melque, jovem estudante e considerada revolucionária por suas ideias, afirma que assim como qualquer outra pessoa as meretrizes tinham o direito de saírem nas ruas rogando por chuva. Entretanto, o que nos interessa aqui, além de considerar as moças do Bataclan também cidadãs, é o seu argumento utilizado.

Malvina relata que a safra do cacau está estreitamente ligada ao Bataclan. Se a safra vai bem o dinheiro corre solto e é gasto nas noitadas, ou seja, as prostitutas lucram com isso. Mas se a plantação do cacau fosse prejudicada, assim como qualquer família cacaueira, as meretrizes também sairiam perdendo e sofrendo com tal situação. Em suma, as “meninas do Bataclan” teriam o direito de orar por chuva e pela fartura nas roças de cacau.

Ainda sobre a opinião de Malvina, a de que as prostitutas faziam parte da sociedade de Ilhéus, falaremos agora nossa definição aqui escolhida da prostituição. Entendemos que a prostituição é uma extensão do privado para o público, conceito este elaborado por G. Vicent. Além disso, segundo os estudos de Margareth Rago, no momento em que o processo de urbanização e modernização das cidades ocorriam, a prostituição também acompanhou tal ritmo, ou seja, ela também é um fenômeno urbano.

Interessante observar que mesmo sendo a maioria esmagadora contra a ideia de Zanolha, nem o próprio padre local, muito menos o poderoso intendente coronel Ramiro Bastos queriam assumir a responsabilidade de proibir. Ramiro Bastos, ao mesmo tempo em que considerava uma afronta a sociedade, temia que a oposição se aproveitasse da sua opinião. Para ele, a negação do pedido podia prejudicar sua campanha política, já que a oposição poderia fazer correr

a notícia em Salvador de que ele “teria negado a última redenção destas mulheres”.

Na opinião do padre Basílio, a Igreja, apesar de está de portas abertas para todas as pessoas, possui suas regras e alguns limites como bons costumes, roupas decentes e certo comedimento. Além disso, ele deixa claro que o “problema não é de ordem moral, mas de ordem política”. Outro ponto importante é a fala de Nacib quando diz que todo mundo não aceita a participação, mas ninguém quer ser colocado como responsável por tal decisão. Para isso, a melhor saída foi buscar uma lei que justificasse e apoiasse a opinião moralista.

Porém, antes que qualquer lei fosse encontrada, Dr. Maurício foi pessoalmente no Bataclan e ameaçou rasgar o véu que as prostitutas estavam bordando. Sem receio algum ou medo do que viesse acontecer, Zanolha expulsa o moralista do prostíbulo. Ao expulsar o jurista do Bataclan, Zanolha fala que tem esta autoridade por está em “sua casa”, ou seja, era o prostíbulo seu ambiente não só de trabalho mas também sua residência.

Cartas de ameaças também foram enviadas para as meretrizes, ou melhor, foram direcionadas para a proprietária do cabaré. Ao falar que Maria Machado está recebendo cartas com ameaças pela ideia da participação da procissão, Zanolha relata que “não é segredo pra ninguém que aqui ninguém sabe ler direito”. Ou seja, fica claro também o o nível de escolaridade das prostitutas, sendo a grande maioria analfabetas. Porém, nada abalava a esperança de Zanolha, o que crescia o ódio dos moralistas.

Em meio a esta situação, Dr. Maurício Caires foi o responsável por buscar uma lei que iria impedir a saída das meninas do Bataclan. Antes que todos ficassem cientes da tal lei, foi convocada uma reunião com os coronéis e representantes da cidade, inclusive o coronel Ramiro Bastos. Apenas uma lei seria suficiente para impedir a saída das mulheres: criada pelo coronel Ramiro no início do seu mandato, esta proibia que as meretrizes circulassem nas ruas e se misturassem no mesmo ambiente que as “mulheres de respeito”.

No mesmo dia da reunião, Zarolha é chamada até a casa do Intendente. Inicialmente Ramiro iria lhe entregar uma quantia de dinheiro referente aos gastos que tiveram na confecção do manto. Zarolha se sente humilhada e chora. Após perceber a reação da mesma, Ramiro muda de ideia. Este sugere que fosse feita uma votação entre os coronéis para opinar sobre a participação ou não das “meninas”. Mas antes que a votação iniciasse, o intendente pede que Zarolha entre na reunião e colocasse sua condição caso a maioria dos votos fossem pela negação da participação na procissão. Caso a maioria dos votos fossem contrários às meretrizes, estas iriam iniciar uma greve por tempo indeterminado e o Bataclan seria fechado. Depois do pronunciamento de Zarolha a votação teve início.

Na apuração dos votos apenas uma pessoa votou a favor da proibição (o moralista Maurício Caires). Ramiro deixa claro que a sociedade não poderia saber da votação quase unânime e vitoriosa a favor das “meninas”. No fim, não só as prostitutas participaram da procissão como também cubriram a santa Madalena com o manto feito por elas. Para a felicidade de todos o tão esperado milagre aconteceu no decorrer da procissão: a chuva reaparecia na região e garantia a prosperidade de muitos, inclusive das damas da noite.

Ao analisarmos a telenovela, principalmente tomando como foco uma das personagens, a prostituta Zarolha, notamos que ao mesmo tempo em que a imagem da prostituta e dos prostíbulos são apresentados como locais de “perversão sexual”, lembramos que esta visão era da maioria da população de Ilhéus, e criando principalmente uma dicotomia entre a mulher-mãe-dona de casa e a mulher prostituta, as mesmas personagens e ambientes representam o tão falado “progresso” que chegava na cidade de Ilhéus (Bataclan). Importante também é percebermos que os prostíbulos, assim como os bares, assumem o papel de ambientes de sociabilidade, sendo ponto de encontro de amigos e local de discussão de todo tipo de conteúdo, principalmente político.

Também notamos a quebra de alguns paradigmas que giram em torno da prostituição. Estes foram quebrados principalmente pela prostituta aqui estudada. O fato da prostituta sair nas ruas e não ser reconhecida tão

facilmente mostra que esta dicotomia entre mulher dona de casa e mulher dama da noite não está tão cristalizada. Vimos também que existe uma organização e uma hierarquia dentro do prostíbulo, quebrando a única imagem de desordem ou baderna nestes ambientes.

Procuramos aqui demonstrar que é possível utilizarmos o audiovisual como fonte histórica. Esta fonte não pode mais passar despercebida, mesmo por aqueles que não pretendem utilizá-lo como principal documento para sua pesquisa. Como afirmou Hagemeyer “(...) de nada adianta nos trancarmos em empoeirados arquivos para escrever páginas e páginas sobre um passado remoto, como monges copistas e alheio à realidade que nos cerca” (HAGEMEYER,2012:13). Os tempos mudam, a história muda. Negar tais novidades e demandas sociais seria negar a própria dinâmica que faz parte da história.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COELHO, Frederico Oliveira. *Revolução Comportamental no Século XX*. p.323 a p.345. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *O século sombrio: uma história geral do século XX*. Rio de Janeiro: editora Campos, 2004.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. *História & Audiovisual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: *a História depois do papel*.p. 235 a 289. In: PINSKY, Carla Bassaneri (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

PRIORE, Mary Del. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2001.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*.2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SANTOS, Ana Luiza. *Grandezas e misérias da prostituição feminina no povoado Cruz da Donzela (1969-2001)*, Propriá: Universidade Federal de Sergipe, 2002.

VICENT, G. O. “Corpo e o enigma sexual”. In: PROST, A. e VICENT, G. (Orgs.). *História da Vida Privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*, São Paulo: Cia da Letras,.pp. 380-381, 1992.

Fonte

AVANCINI, Walter (1975).*Gabriela* [DVD]. Brasil: Rio de Janeiro.